



GIL VICENTE

Semanario Monarcho-Integralista
(Literario e Noticioso)
Orgão e propriedade da J. M. Integralista Local
Redacção e Administração:
AVENIDA DO COMERCIO



VISITAÇÃO
*Pardiez! siete arrepelones
Me pegaron á la entrada
Mas yo di una puñada
A uno de los rascones
VÁQUEIRO*

Director, D. José Ferrão
Administrador e Editor, Domingos F. Guimarães
Secretario da Redacção, M. A. d'Oliveira
(a quem deve ser dirigida toda a correspondência)
Composto e impresso na TIPOGRAFIA TIRSENSE
Rua Sousa Tropa, 49—SANTO TIRSO

UM COMÍCIO

Os outubristas absolvidos ultimamente no tribunal de Santa Clara foram, no ultimo domingo, de visita ao Porto. Os seus correligionarios prepararam-lhes uma manifestação politica que, dizem os jornais daquela cidade, decorreu na melhor ordem. A noite realizaram um comício no teatro Carlos Alberto ao qual assistiram algumas centenas de republicanos. Tudo isto, é claro, está na lógica dos factos; e, por mais que se argumente, os radicais dizem-se puros de ideais e de princípios e que só os outros partidos é que estão eivados de erros e cheios de homens mancomunados com a finança e com o comércio.

Não era preciso os outubristas fazerem tal alarde. O povo está farto de o saber; e se se julgam acreditados enganam-se redondamente: o regime deu o que tinha a dar e, se não dá mais, a mais não é obrigado. Está cansado. As forças faltam-lhe e não será o partido radical quem o vá agora curar da terrível doença que adquiriu com o abuso revolucionário. Tem chagas de mais a república, e se os radicais que existem a querem assassinar dêem-se as mãos. Só com o radicalismo ela terá fim, e nós desejamos assistir-lhe aos ultimos momentos. Não podemos rezar por tal *criatura* pois jámais ligou com a Alma da Nação. E esta, que é radicalmente conservadora, melhor, raccionária, odiou desde as primeiras horas o regime, que, se se mantem ainda de pé, só ao terror vermelho e á guarda pretoriana o deve.

O que é preciso é que os conservadores continuem a manter-se... fieis ao regime para, dum salto, se passarem para o radicalismo. Os interesses particulares sempre valem alguma coisa mais que a vida económica da Nação e, como os tempos correm propícios para todas as roubalheiras e para todos os crimes, desde já convidamos — os conservadores — a aderirem ao Partido Radical, que se muito promete muito mais ha-de faltar. Não tenham ilusões... Partidos são partidos, e aquele que mais garantias oferecer é que é mais *amigo*. Que importa a Nação? Que cuidados podem merecer os interesses do povo?

Há três anos que os republicanos de todas as cores andam a dizer que «isto assim não vai bem; que não é esta a república com que sonhavam; que a Nação asfixia e que o Povo morre de fome; que se tem de enveredar por novo caminho para evitar a queda total...»

Três anos, pois, bastaram para esclarecer o espírito menos culto das impossibilidades que tem a república de viver como regime quer ela seja conservadora, quer seja radical. O tempo é o grande mestre da vida e não serão os homens quem o farão mudar de rumo com aquela mesma facilidade com que se faz um decreto que manda, ao contrário da criminosa propaganda, **o povo pagar mais porque pode e deve.**

Palhaços de feira republicana — ridículos e maus — zombam agora das misérias morais e materiais da Pátria!

oriente e nos elucide no caminho a trilhar.

Sob as asas do Pelicano lutemos pelos principios da Monarquia Organica e Sindicalista, oh homens bons de Portugal, oh imprensa monarquica do nosso País!
A "A Realeza" e a *Euclides Portugal*, as nossas saudações mais sinceras.

Cartas aos Operários

O sonho da igualdade absoluta, da fraternidade suprema, da liberdade ilimitada arrastou-vos para a desordem, meus amigos, e, sem que desseis por ela, os chefes da revolução social foram conscientemente até ao vosso lar para o destruir e no seu logar collocarem o individuo proclamando-o livre acima de tudo. Conquistado assim o terreno facil foi aos revolucionarios desagregarem as classes pela dissolução da familia pois o regime individualista quer o homem completamente livre por natureza «para empregar suas forças, cambiar mercadorias, aplicar capitais e pactuar condições mutuamente aceitas»; é a liberdade ilimitada do trabalho e da livre concorrência. Assim, pois, «o individualismo ou escola chamada da liberdade, é o sistema que, attribuindo um valor excessivo ao interesse particular, nega toda a intervenção do Estado na vida social e, principalmente, na vida economica.»

Se vós, meus amigos, quizerdes ver claramente os erros de tais doutrinas alheias do vosso espirito, por momentos, os preconceitos da mentira revolucionaria e não vos será difficil compreender que o espirito que ditou a lei de 14 de Junho de 1791 só teve em mira violar os direitos do homem em vez de corrigir as suas faltas proclamando que «a única associação legitima era o Estado, e fóra dele só deviam existir *individualidades* desagregadas». A revolução francesa aboliu, pois, sem que fosse substituidas, as antigas corporações das artes e dos officios que, durante quasi seis séculos, subsistiram «e a elas se devem os prodigios da arte que são ainda hoje as nossas maiores glórias». Estas associações, que um espirito de mútua benevolência e de sentimento religioso inspiravam, beberam a seiva, a mais pura, nas Confrarias e tanto assim que chegaram a confundir-se com elas em número. Todos os anos celebravam as suas festas; exercitavam-se na piedade; praticavam a misericórdia, e tinham estabelecimentos para socorro material e espirital dos associados. Tam perfeitas e uteis que eram, dividiam-se em três ordens dos *mestres*, dos *artistas* e dos *aprendizes*. Tinham os seus estatutos: por eles era assegurada a competencia; e, conservando esta hierarquia, despertavam uma ambição lícita, e garantida a verdade e pureza dos productos. Não dava motivos para gréves, e as horas do trabalho, assim como o salário e preço dos géneros, tudo estava regulado.
Meus amigos: como estais ven-



Poema de Esperança

*O' violas d'Alcacer que tangeis
Pelo encanto que teve o Rey dos Reys,
Cessai dessa lamúria, desse pranto!
Não tarda El-Rey quebrar o seu encanto!...*

*O' violas de Quibir,
Violas do meu penar,
O—Desejado—ha-de vir
D'alem terras, d'alem-mar...*

*Ha-de vir:—tenho esperança!
Numa galera virá:
Nau de luz, em manhã mansa...
—Uma estrela O guiará!*

*Que venha com Ele Deus
É a Virgem Santa Maria!
—A Nau que O traz é dos Ceus,
Feita d'encanto e harmonia!...*

*O' violas de Quibir
De chorar cessai agora:
O—Desejado—ha-de vir...
Que Ele venha em boa-hora!*

(Do livro em prep. «Paiz da Lenda e do Misterio».)

Ruy Galvão de Carvalho.

do, o desaparecimento premeditado, de tais Corporações veio lançar as classes na desordem económica-social, que os reformadores de 91 não quizeram ver porque uma ambição oculta e criminosa os trazia presos á vaidade de poder e de mandar.

A moral religiosa era tambem o seu maior pezado e, como só é possível existir a tranquilidade e a felicidade sob o Cristianismo, os bandidos não satisfeitos com a sua obra de tudo desagregarem foram até ao coração do homem e nele cravaram o punhal assassinando todos os sentimentos evangelicos que mandam amar o próximo como a nós mesmos.

Continuarei nestas minhas breves considerações; para terminar esta, cumpre-me fazer-vos aqui esta sincera afirmação:

—Sou, como vós, um operário. Não posso pois admitir que me acusem. Pugnando por mim, luto por vós todos. E tam convencido estou dos salutareos beneficios dos principios monarquico-sindicalistas que, se este regime que se diz de liberdade me desse 15 minutos para livremente expor a verdade em que assentam, convidar-vos-ia para um comício publico.

Vosso camarada
Domingos Ribeiro
(Tipógrafo).

Negar, em face do Passado, o nosso génio criador equivale a afirmar que o Céu de Portugal é cinzento e brumoso.

: Ecos de longe :

Ressurge novamente a Esperança da reabilitação da nossa tão querida Patria, do levantamento deste Portugal tão decaído, tão agonizante, tão moribundo, a que torpe vilanagem que tem por divisa, mentir e matar para roubar, o tem levado, com o mais infame, o mais nojento, o mais horrendo cinismo. Roubos sobre roubos, crimes sobre crimes, vilanias sobre vilanias e sempre a poltragem a afirmar o seu patriotismo, a sua honradez, a sua lealdade! Que escarneio! E apesar de tudo isto, de todo o escandaloso procedimento desses bisborrias, desses canalhas, continuamos a consentir na sua soberania, que no caminho já trilhado deixam ver bem qual o que falta trilhar. Pobre Camões, dos teus Lusíadas só ha dois versos que sirvam para isto!

De destruir-se o reino totalmente;
Que um fraco Rei faz fraca a forte gente.

Na tua epopeia grandiosa, cantas bem alto os feitos gloriosos daqueles que são nossos antepassados; mas, se ressuscitasses agora, terias que desmentir os teus proprios cantos e mesmo queimar esse livro sublime que te deu nome e a nós a gloria de termos um poeta que nos deu a soberania sobre todas as nações.

Não haverá ainda um resto de pondonor, um simulacro de honra, um atomo de coragem (que deviamos ter por sucessão, quando outra coisa não fôsse) que nos faça reviver, que nos dê alento,

A Falencia da Democracia

Num brilhante artigo de *Euclides Portugal*, publicado no numero 54 do nosso prezado colega Vilarealense «A Realeza», que temos presente, são postos e apontados por uma forma sensata e de admiravel logica, os defeitos e podridões da Democracia, causadora de todos os males de que enferma a humanidade.

Nesse brilhante artigo, intitulado *Teofilo Braga e a democracia* revela-nos *Euclides Portugal* os seus conhecimentos da reacção nacionalista nos varios países latinos e conclue reconhecendo o valor dos principios do **Integralismo Lusitano, forte nucleo de pensamento e de patriotismo**, legião disciplinada e disciplinadora, forte e aguerrida, lutando sem desfalecimento contra o rotativismo de uma Democracia decrepita e corruptora.

A Democracia faliu, afirma-o sem rodeios *Euclides Portugal* e, continuamos nós, com a falencia da Democracia, os principios dogmaticos do liberalismo, quer sob a forma de monarquia constitu-

cional, quer sob a forma de república democratica, radical ou conservadora.

Oxalá toda a imprensa monarchica do país o reconhecesse como o acaba de reconhecer «A Realeza» pela pena brilhante do seu illustre colaborador.

Certos estamos de que, num futuro bem proximo e para salvação de Portugal, as falsas ideologias e os falsos apóstolos do sistema liberalista — que ainda os há, oh suprema irrisão, no chamado *partido monarchico* (sempre a mania dos *partidos* em tudo) — serão escoraçoados como vendilhões do Templo, por todos aqueles que desejam tornar a Monarquia uma Causa estruturalmente Nacional, e nunca uma *causa politica* para gáudio dos famigerados partidos, causadores da nossa ruína e da nossa desorganização.

Não! O constitucionalismo monarchico morreu em 910 e teve o seu enterro definitivo em 13 de Fevereiro de 919.

A nossa orientação, a orientação dos principios monarchicos feem de ser collocadas acima das conveniencias politicas de qualquer velho partido. Que o *estúpido seculo XIX*, de Daudet, nos



MUNICIPALISMO

“**A** CORRENTE municipalista que se acentua em toda a parte, mesmo naquelles sectores de opinião cuja ideologia lhe é hostil por indole, não se deve, por isso, apreciar como um fenomeno solto, simples modismo ocasional, sem raizes profundas no germinar oculo dos acontecimentos. Antes, pelo contrario, se enlaça de perto ás causas que estão motivando o eclipse mortal das superstições e mitos, tanto filosoficos, como politicos, em que o seculo findo, — le Stupide de León Daudet! — tão abundante-mente se desentranhou. Vê-se demais a mais que não se trata dum romantismo passageiro, — dum tradicionalismo literario ou sentimental. As sciencias sociais e economicas apossam-se do Municipalismo com ponderada paciência e tornam-no um dos problemas mais em destaque entre as questões primaciais da nossa época. Por divergentes que os autores se manifestem na interpretação dum ou outro detalhe, segundo a posição que reconheçam ao Estado na orgânica geral da colectividade, nenhum discorde da maneira como o Municipio moderno carece de funcionar, totalmente emancipado das peias e deprimentes tutelas centralistas.”

ANTONIO SARDINHA.

que nos coadjuve num movimento heroico, que tenha por fim unico (num esforço geral) escorrçar esta horde de parasitas a quem já nada falta inventar para serem os proprios assassinos da Patria? Ah! então a morte é certa! Portugal, Portugal, pareces um campo devastado, um triste cemiterio, aonde já nem ha lugar para enterrar os seus proprios filhos. Em tempos idos, comemoravam-se e recordavam-se com jubilo os dias das vitórias, hoje comemoram-se os dias que mais concorreram para a nossa queda. Em outro tempo, era condecorado um heroi, hoje é coroado um assassino. Em tempos passados, condenava-se um cobarde, hoje escarnece-se um santo. Oh! Deus, como tudo mudou! Será isto o tal luminoso tempo que eles apregoavam? Será isto o caminho para o adeantamento da civilização? Não, mil vezes não! Isto é unica e simplesmente o caminho para a perdição. A civilização retrograda que eles teem e a perversidade de instinctos que possuem, é que os leva a ver por um prisma muito diferente tudo o que teem feito? Não! e se assim fosse ainda havia a atenuante que se não nega a um demente, a um inconciente, mas, e ahí é que está a maior infamia, sabem bem a desgraça que nos pode advir do seu procedimento. E a prova está bem á vista. Aqui um inteligente que nunca fez senão asneiras, discernindo a seu bel prazer e decretando a nossa vergonha, ahí uma coorte de mal intencionados, enterrando mais e mais este paiz de herois numa vergonhosa queda, numa deshonrosa perdição. Mas não será possível ainda a nossa salvação? Não haverá possibilidade de um resurgimento geral? E superflua a resposta. Olhem apenas para traz de nós.

Vejamos as Invasões francezas. A nação decaída, morta, o Rei, seus ministros e grandes da Corte refugiados no Brasil e Portugal venceu. Porque os homens se envergonharam do seu rebaiamento. O que foi 1640? E ven-

amos. E venceremos sempre, desde que assim o queiramos. Porque não nos unimos todos em vez de andarmos em continua questão e não corremos a demagogia duma vez para sempre? Camões diz nos Luziadas:

E julgareis qual é mais excelente
Se ser do mundo Rei se de tal gente.

Eu direi. Qual será melhor? Viver numa Monarquia, ou ser subjugado por uma corja de ladrões? E' preciso que nos convençamos de que só a Monarquia pode salvar Portugal. Devemos acobardar-nos perante um fracasso que tivemos? Não! nunca! Se perdemos, não temos o direito de recuar, antes nos cabe o dever altruista de lutarmos com mais ardor, com mais afínco, para venceremos numa luta que hoje não se resume só no desejo de alcançarmos a vitória, mas sim na infrene vontade de salvarmos a Patria do descabro medonho para que ela avance e que será a sua perda total, se não houver quem se oponha energeticamente a essa desgraça.

Sejamos mais uma vez Portugueses. Reparemos que éles proprios já temem arcar com a responsabilidade do mal que nos teem feito, do prejuizo que nos teem causado. Não é numa inércia total, num marasmo profundo, que se pode vencer uma luta, embora os inimigos não sejam mais que uns poltrões; mas sim concorrendo todos com os seus esforços quer pequenos ou grandes, para a causa comum que nos oprime e nos envergonha como se nos chicoteassem o rosto. E' ultra vergonha o continuarmos neste estado de coisas.

Este Portugal que foi tão respeitado, que respeito impõe hoje? Esta Patria tão grande, a quem deve o ser escarnecida por todo o mundo? Se o sabemos porque esperamos? Se vimos todo o horror que nos cerca porque não reagimos contra essa canalha? Pois não será grande aquela frase; mais vale ser rainha uma hora do que princesa toda a vida? Se podemos levantar-nos, levantando Portugal do caos modonho e imundo em que está vivendo, para que nos deixamos rebaixar e conosco esta Patria de Nun'Alvares.

Quanto maior fôr a demora, maior será o esforço, maiores serão os perigos a arrostar, maiores serão os sacrificios a fazer e maiores as perdas a lamentar. Se assim é, se todos sabemos o triste fim que nos espera, porque esperamos para começar a luta?

Avante pois Portuguezes! Apellemos mais uma vez para a nossa nunca negada coragem e Deus será por nós.

Pela Patria! Pela Monarquia!
Pelo Rei!

Viva a Monarquia Integralista!
Huambo, 19-1-1923.

Antonio Pais Pinheiro de Figueiredo.

Sociedade Martins Sarmiento

Em reunião da Assembleia Geral desta Vimaranesense colectividade, foi eleita a sua direcção que fica constituída pela forma seguinte:

Dr. Eduardo de Almeida
Dr. Gonçalo de Meira
José Luis de Pina
Francisco Martins
Dr. Alberto M. Fernandes
Alberto Alves Vieira Braga
Padre Anselmo da Conceição e Silva.

Constituída como é por devotados amigos de Guimarães, a nova direcção da prestant Sociedade Martins Sarmiento continuará trilhando o mesmo caminho das direcções anteriores, contribuindo, com o seu valiosissimo esforço, para o engrandecimento da colectividade e, consequentemente, para o engrandecimento da nossa Terra.

As nossas felicitações.

Reparos...

Sempre os mesmos!

Para se provar de que força sam os *radicais* basta apenas frisar esta exclamação terrível e negra que, entusiasticamente secundada, um lorpa estúpido e perverso de sentimentos fez ecoar sob o tecto do Carlos Alberto, no Pôrto, na ocasião do comício: — «Viva o José Julio da Costa!»

Claramente estão á prova os intuitos de tam *ilustres republicanos*. Olorificam um assassino consciente *libertado* em nome de uma revolução de principios sanguinários que, não vingando mais, conseguiu ainda assim *liquidar* tam miseravelmente algumas das melhores figuras do regime que, para maior glória sua, se escora no *roubo* e no *assassinato*...

Todos iguais: no corpo e no estômago!

Assim... sim!

Um tal cidadão Julio Roxo, que pelo nome não perca, disse ainda no mesmo comício que «os radicais devem avançar mesmo que tenham de destruir alguns fantoches!»

Não se diga, pois, que os homens da nova moralidade republicana não estejam animados dos melhores sentimentos de humanidade e de justiça... radicais: ou crês ou morres! Assim... sim! Ao menos ficamos sabendo que **todos os escandalos dos homens da republica** vão ser radicalmente castigados...

A não ser que os conservadores do regime lhes prometam votos nas próximas eleições.

Mais ainda

Tam duras e tam graves foram as apóstrofes dirigidas aos miseráveis politicos que o «Jornal de Noticias» se absteve de publicar! Tem a palavra o dr. Santos Monteiro, acusado ha poucos dias como **anarquista** pelo actual chefe do governo:

— «O povo diz: Fulano trabalha a soldo de Cicrano, o Parlamento é uma reunião de... (não publicamos o termo).»

Outro orador, referindo-se a alcateias de criminosos impenitentes, fez tais considerações que o mesmo jornal se absteve de publicar.

Todo o comício, emfim, foi um chuveiro de frases tam pesadas como as primeiras horas do 19 de Outubro, que os mesmos comicieiros acabam de *abençoar*...

Bombeiros Voluntarios

Comemorando o aniversario da sua fundação, a briosa e benemérita corporação dos Bombeiros Voluntarios mandou rezar uma missa no Templo de S. Francisco por alma dos sócios falecidos, realizando-se, em seguida, uma rotagem ao cemiterio.

Foi, tambem, inaugurado o retrato do dedicado tezureiro daquela colectividade e nosso prezado amigo sr. Simão Pinheiro Quimarães.

Festa das Dôres

Como sempre esteve concorridissima esta solenidade religiosa realizada na ultima sexta-feira, no vasto e magestoso templo de S. Francisco, em honra da Virgem das Dôres — Mãe de Deus.

O templo, magnificamente adornado de damascos e sedas, oferecia aos nossos olhos um aspecto formoso quer pelo perfume dos altares quer pela assistencia distinta e selecta e ainda pelo respeito com que todas as classes sociais se mantinham.

O Rev.º Conego Chousal proferiu uma primorosa Oração que foi, tanto pelo seu valor literário

como doutrinário, muito apreciada a todos deixando profundamente impressionados.

Dr. Antonio Carneiro Júnior

De visita a seus Ex.ºs Pais, encontra-se entre nós o digno D. do P. da R. em Mangualde, sr. dr. Antonio Carneiro Júnior.

Dr. Joaquim Meira

Fez anos, na ultima segunda-feira, o distinto vimaranense e ilustre medico, sr. dr. Joaquim José de Meira.

Nesse dia teve S. Ex.º a satisfação de vêr o quanto era estimado e querido de todos os seus conterraneos que lhe foram levar as suas demonstrações de amizade e gratidão.

A S. Ex.º os nossos cumprimentos com o sincero desejo de que se repita por muitos anos a sua festa natalicia.

Ecce Homo

Se o tempo o permitir, sairá na próxima quinta-feira, da Igreja da Misericórdia, a piedosa procissão do Senhor Ecce-Homo.

Vinhos, Licores, Aguas Minerais, Produtos alimentícios de marca, Farmaceuticos e Perfumarias

Casa em Lisboa e Pôrto, dispondo de largos meios de propaganda, oferece-se para Depositária Geral.

Carta a este jornal.

FRATERNIDADE

COMPANHIA DE SEGUROS

Agente em Guimarães:

Domingos Ferreira de Oliveira Guimarães

RUA DE PAIO GALVÃO, 88

ACABA DE APARECER

O Pensamento Integralista

::: SEUS FUNDAMENTOS :::
: HISTORICO-SCIENTIFICOS :
: RAZÃO & OPORTUNIDADE :
DO SEU OBJECTIVO SOCIAL
::: & POLITICO ::: :

POR

FERNÃO DA VIDE

PREÇO 3\$00 — Para a provincia mais \$50

Pedidos á Administração da Nação Portuguesa — Largo do Directorio, 8-3.º — LISBOA.

GIL VICENTE

Ano IV N.º 133

2.ª Série N.º 10

Ex. Sr.